

Editorial

A imagem que estampa a capa representa um momento da infância de Walter Raleigh, ao lado de outra criança (que seria seu irmão). Estão ambos concentrados na narrativa de um provável marinheiro: afinal, é para o mar que o braço direito estendido do contador de histórias aponta e, próximo ao pé esquerdo descalço, vê-se no chão um navio em miniatura, algo que reforça a ligação entre o relato e as prováveis aventuras de além-mar. É grande o contraste entre as roupas das crianças e do adulto, o que acentua o perfil popular do narrador.

Sublinhe-se que a tela de John Everett Millais projeta a “ilusão biográfica” em relação a esse personagem da era elisabetana: as viagens de Raleigh pelos mares e os contatos com o Novo Mundo já estariam renunciadas na meninice. Viagens que ele também recordaria mais tarde e que registraria em seus escritos. O fio da narrativa, nos livros, teria talvez, como sugere Millais, a influência dos relatos orais com os quais Raleigh tomara contato na infância, em passagens por localidades litorâneas de Devon, na Inglaterra.

Observamos essa obra pictórica de Millais, datada de 1870, e somos levados a imaginar os expedientes retóricos que o narrador-marinheiro mobilizaria para cativar a atenção dos pequenos ouvintes, em uma fala provavelmente atravessada por lembranças pessoais e burilada pela fantasia. Impossível não remeter aos dois modelos fundamentais de narrador comentados por Walter Benjamin, em texto referencial sobre o tema: camponeses e marujos. Na perspectiva benjaminiana, do sedentarismo de uns e da mobilidade de outros teriam emergido distintas tradições narrativas, entrecruzadas por novas formas de narrar que outras vivências forjariam.

As histórias contadas transmitem experiências e abrem-se à continuidade a ser dada por quem ouve, seja ela a continuidade da narrativa (as histórias permanecerão contadas), seja a continuidade das aventuras (outras poderão ser vividas). Como indicou Benjamin, o elo entre narrador e ouvinte, quando se estabelece de forma estreita, é marcado pelo interesse em conservar o narrado.

Memória e Oralidade são os temas do dossiê do número 20 de *Fronteiras – Revista Catarinense de História*, organizado e apresentado pela historiadora Viviane Trindade Borges. O dossiê reúne seis artigos que consistentemente convergem para um terceiro tema: o deslocamento, seja físico, seja identitário, relatado por diferentes sujeitos entrevistados, cujas falas balizam as análises de autoras e autor.

Completam o número 20 de *Fronteiras* artigo de Eleide Abril Gordon Findlay, sobre a questão da terra na região da Baía de Babitonga, em Santa Catarina, e resenha de Ana Cláudia Pinto Corrêa, que dialoga com o tema do dossiê, uma vez que se refere ao livro de Louis-Jean Calvet, *Tradição oral e tradição escrita*.

Janice Gonçalves

Editora de Fronteiras – Revista Catarinense de História